



Coleção
Raízes do Futuro

09

COMUNIDADE QUILOMBOLA DOS COELHOS

RIO POMBA - MG

História • Território • Economia e Sociedade



CRÉDITOS

Autoras e autores (Comunidade)

José de Assis Barbosa, Maria de Fátima Barbosa Silva, Maria de Nazaré Barbosa Silva, Thamires Rodrigues Barbosa, Thauan de Assis R. Barbosa, Sirlene Rodrigues, Vicente Silva.

Equipe do Projeto Raízes do Futuro

Alice Capanema, Frederico Augusto Alves Gonçalves, Jorge Andrade, Leda Maria Benevello de Castro, Marina Fares Ferreira, Regina Campos, Ricardo Ferreira Ribeiro, Rosana Cristina Avelar.

Equipe de edição

Fotos e Mapas - Acervos Cedefes e Comunidade
Projeto Gráfico e diagramação - Derval Braga e Juliana Vaz

Diretoria do Cedefes

Alenice Maria Motta Baeta - *Presidenta*
Luci Rodrigues Espechit - *Tesoureira*
Maria Elisabete Gontijo dos Santos - *Secretária*

Impressão

Imagem Editora Gráfica
2025 - 150 exemplares

Belo Horizonte (MG), dezembro 2025

Apoio



PROJETO RAÍZES DO FUTURO

O Projeto Raízes do Futuro trabalha e valoriza a presença viva das tradições nas comunidades quilombolas de três regiões vizinhas de Minas Gerais — Alto Paraopeba, Vale do Piranga e Campo das Vertentes/Zona da Mata —, buscando, a partir desse patrimônio cultural, construir caminhos para um futuro melhor.

Cada comunidade participante indicou três representantes para integrar um ciclo de dez encontros, realizados aos finais de semana, com intervalos aproximados de 45 dias entre cada um. As reuniões aconteciam sempre nas próprias comunidades. Em cada encontro, eram apresentadas duas técnicas de Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), que os representantes aplicavam em suas comunidades, trazendo os resultados para compartilhar no encontro seguinte.

Essas metodologias permitiram que cada grupo refletisse sobre sua história, território, recursos naturais, modos de subsistência, produção, consumo, relações internas e externas, além da organização das atividades econômicas e socioculturais ao longo do ano.

Os encontros foram concebidos como espaços de aprendizado coletivo e troca de experiências. Além das atividades formativas, aos sábados eram promovidas as Noites Culturais, organizadas pelas próprias comunidades, fortalecendo a identidade e o convívio comunitário.

No entanto, os objetivos do projeto iam além do diagnóstico. Buscava estimular ações concretas capazes de contribuir para a transformação da realidade local. Como resultado desse trabalho, várias comunidades iniciaram o processo de certificação quilombola junto à Fundação Cultural Palmares, enquanto algumas focaram na organização institucional interna e outras na articulação junto ao poder público, reivindicando melhorias na infraestrutura local.

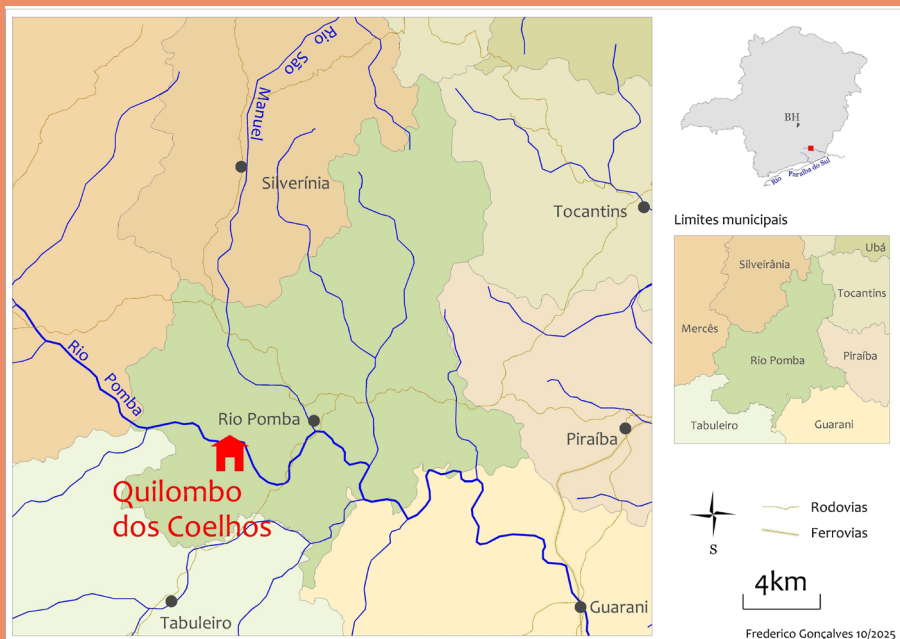
Este livreto integra a Coleção Raízes do Futuro e foi escrito pelos representantes quilombolas participantes do projeto, a partir das pesquisas que realizaram com base nas técnicas de Diagnóstico Rápido Participativo.

COMUNIDADE QUILOMBOLA DOS COELHOS

RIO POMBA - MG

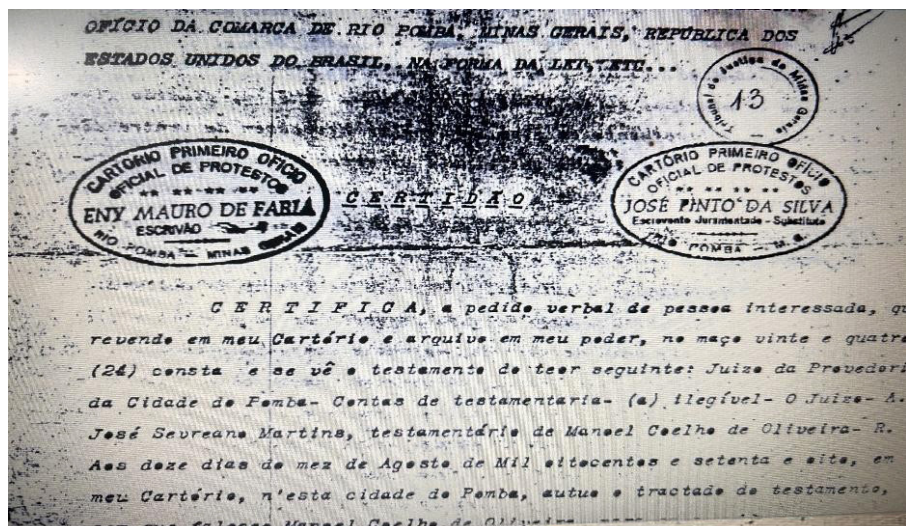
Localização da Comunidade

A Comunidade Quilombola dos Coelhoos está localizada na zona rural de Rio Pomba, Zona da Mata Mineira, microrregião de Ubá. A comunidade está a cerca de 10 km de distância do centro da cidade. Atualmente, 14 famílias quilombolas vivem ali.



História

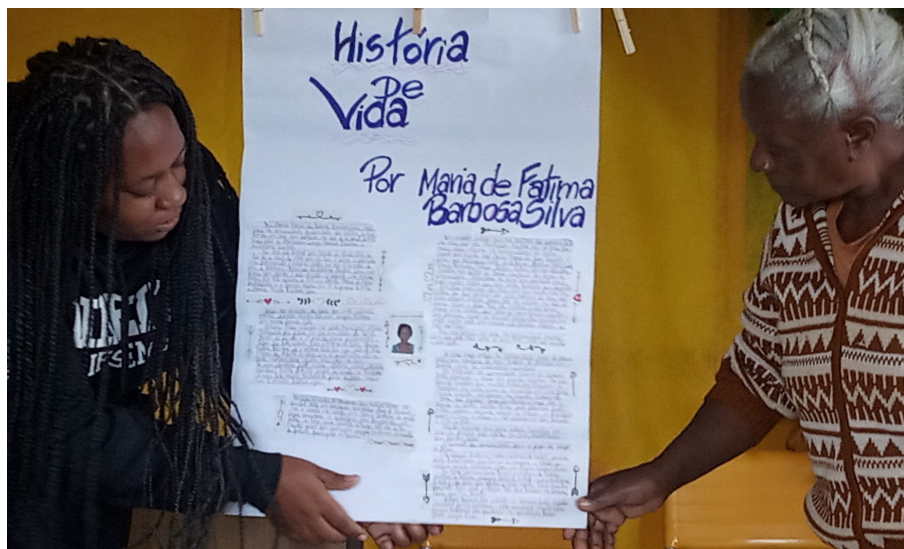
O nome da comunidade é uma referência ao fazendeiro Manoel Coelho de Oliveira, antigo proprietário das terras. Está registrado que, em 1861, ele deixou suas propriedades para seus trabalhadores escravizados, segundo documento no cartório da cidade de Rio Pomba, antigamente chamada de São Manoel do Pomba. No testamento, Manoel Coelho de Oliveira afirma ser viúvo de Rita Romana Ferreira e não ter filhos, não tendo assim herdeiros legais. Cita os nomes dos escravizados e escravizadas que moravam na fazenda, e faz registrar que, com o seu falecimento, os escravizados de sua posse seriam livres e herdariam a fazenda com as terras de culturas, as benfeitorias e plantações e, sucessivamente, seus descendentes.



■ Recorte do testamento de Manoel Coelho.

Tais pessoas escravizadas foram os primeiros a habitar e constituir famílias no Quilombo, são eles: José de Nação, Matheus de Nação, Joaquim de Nação, Francisco de Nação, Antônio Crioulo, Paulo Manoel, Pedro, Maria, Vicência, Sebastiana,

João Luiz, Rita, Jacinto e Vicente Crioulo, além de Catharina de Nação, que já era liberta, (a expressão “de nação” indica que essa pessoa é africana e “Crioulo” indica que se trata de afro-descendentes já nascido no Brasil) atuando como trabalhadora doméstica da fazenda. No testamento, Manoel Coelho diz que as terras não podem ser vendidas, doadas ou alienadas de forma nenhuma. Seus herdeiros, escravizados já libertos, ocuparam as terras que lhes foram deixadas, e construíram ali, no Quilombo, relações sociais singulares. Assim, nasce uma comunidade de descendentes de pessoas escravizadas que desenvolveu dinâmicas territoriais próprias, práticas laborais, sistemas de parentesco e todo um aparato cultural.



■ Apresentação da atividade História de Vida.

Um dos moradores mais antigos lembrado por Maria de Fátima (Fatinha) e José Assis (Juquinha), é o avô José Malaquias Barbosa, que nasceu no ano de 1900. Malaquias foi uma liderança muito respeitada na comunidade, casou-se com Isabel Maria de Jesus e juntos tiveram nove filhos. Os netos lembram

que os avós moravam numa região de baixada na Comunidade, local propício para o cultivo de plantações. No entanto, devido à construção da Usina Hidrelétrica Ituerê, logo abaixo da comunidade, sua casa, suas plantações e todo o terreno foram alagados. Com isso, Malaquias precisou construir uma nova moradia em lugar mais alto para a família. A Usina Hidrelétrica Ituerê, do tipo fio d'água. Foi construída pela Companhia Força e Luz Cataguazes-Leopoldina (CFLCL).

Entrou em operação em agosto de 1928 e foi vendida, em 1991, à Multisilicon-Valesul, continuando na área de concessão da CFLCL.

Encontra-se atualmente em operação.



■ O casal Aristotelino e Teresa

Aristotelino Barbosa era filho de José Malaquias Barbosa e Isabel Maria de Jesus. Ele desde cedo trabalhou na lida da roça com seus pais e irmãos. Na juventude, antes de se casar, procurou trabalho fora da roça, indo trabalhar na construção civil em Juiz de Fora e Petrópolis, por volta dos anos de 1940. Aristotelino, ou Tóte, como era tratado, casou-se com Teresa Narciza em 24 de setembro de 1950. No primeiro ano de casado, continuou em Petrópolis trabalhando para juntar dinheiro, enquanto Teresa ficou na casa dos pais. Ao retornar para a comunidade, ele escolheu morar em Coelho do Meio, onde construiu sua casa e constituiu família com Tereza. Tóte era bem baixinho, tinha menos de 1,50 e uma perna torta. Quando era criança, uma brasa do fogão de lenha caiu em sua perna direita, causando queimaduras graves, que resultaram na deformação da pele. Essa queimadura acabou prejudicando sua locomoção, e levou ao entortamento da perna. Esta marca passou a ser sua referência: senhor baixinho da perninha torta.



■ Moradia do casal Aristotelino Barbosa e Teresa Narciza,

■ Território

A fazenda, que se delineia aos entornos do Rio Pomba e possui uma extensão de aproximadamente 120 alqueires, se anuncia não somente enquanto uma área de habitação, mas também como meio de produção da vida, sobretudo no que diz respeito ao trabalho agrícola e pecuário. É nesta terra que os moradores de Coelhoos plantam alimentos para o próprio consumo, como o milho, o arroz, o feijão, a cana de açúcar, o café e a horta. Dela também extraem os materiais necessários para construções de suas casas, em sua maioria feitas de sapê, pau-a-pique e de barro, além de outros artefatos, como a taboa, o bambu, o capim e a taquara, matérias-primas para a construção de objetos essenciais como berços, esteiras, colchões e cadeiras.

A natureza não alterada da comunidade é composta por elementos como as matas nativas, solo (terra para plantio e moradia), rio, lagoa, nascentes, animais silvestres, além das condições ambientais do clima que influenciam a produção e a vida cotidiana. A mata nativa fornece frutos, madeira para construção das casas e fabricação de ferramentas, mourões para cerca e lenha para fogão, ervas medicinais e animais para caça.

Já a natureza com elementos alterados pela ação humana é composta de lavouras e roças, quintais para cultivos de plantações agrícolas; pastagens para criação de animais; áreas de extrativismo sustentável para a coleta de frutos, como manga, abacate, laranja, limão e outras plantas consorciadas; sementes, ervas, madeiras, mourões e assentamentos para construções de casas, estradas e espaço comunitário, como o campo.

Juquinha, que é da terceira geração de membros do quilombo, afirma que após um determinado tempo e várias investidas de fazendeiros das redondezas, alguns moradores do Coelhoos venderam parte de suas propriedades. Além disso, a busca por melhores oportunidades educacionais e ocupacionais

nas cidades, visto que a fazenda se localiza a aproximadamente duas horas caminhando a pé da cidade de Rio Pomba. A distância, sobretudo para os mais jovens, se configurava como uma barreira para a realização das atividades escolares, contribuindo para a redução da extensão do território quilombola e para a diminuição do contingente populacional da comunidade. No entanto, mesmo com grandes reduções os moradores que permaneceram na fazenda desenvolveram boas condições de vida e de trabalho.



■ Usina Hidrelétrica Ituerê, do tipo fio d'água, localiza-se no rio Rio Pomba

Na época da construção da barragem, os moradores não foram consultados sobre a instalação, apesar de terem sido diretamente afetados. A barragem alterou o curso e a vazão do rio Rio Pomba. Essa alteração causou inundação em uma área da comunidade, onde famílias tinham suas casas e

plantações para o sustento familiar. Até o momento desta pesquisa não se tinha informações de indenizações aos atingidos pela barragem. Um dos principais direitos violados durante a instalação da hidrelétrica foi o Direito de Reparação de Perdas e Danos devido ao estrago causado pelas alterações que a construção da barragem provocou no rio, fazendo com que famílias perdessem suas casas e o sustento de suas famílias. No local inundado se formou uma lagoa, que, em épocas de cheia, afeta algumas moradias.

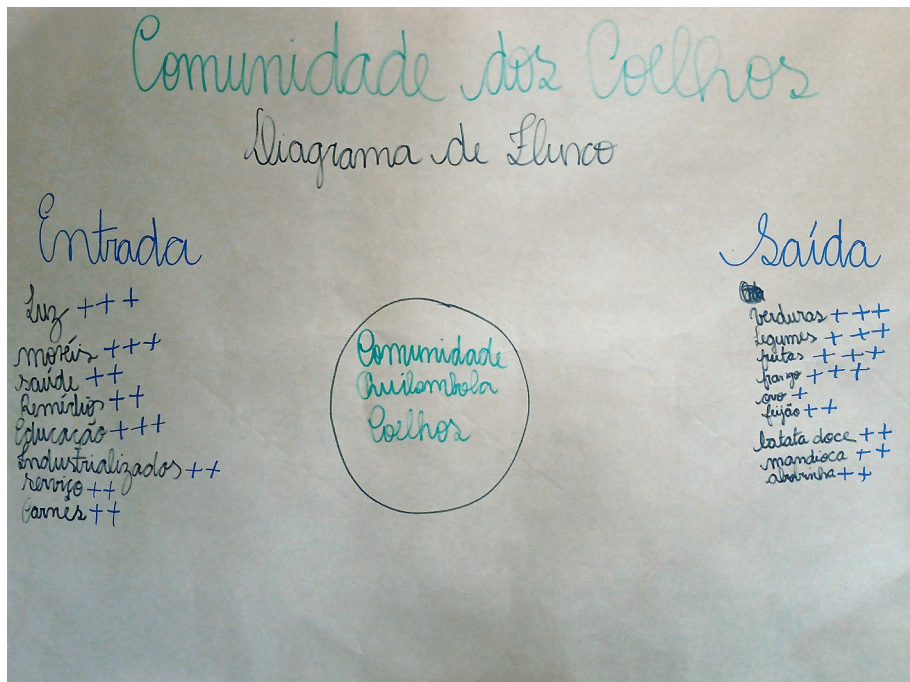
■ Economia e sociedade

A plantação a meia, segundo relatos orais, só ocorre a partir de 1900, quando os descendentes dos ex-escravizados herdeiros de Manoel Coelho moradores dos Coelhos começam a trabalhar com fazendeiros vizinhos, cultivando feijão e arroz, principalmente.

Antônio Calixto, fazendeiro vizinho da comunidade, foi meiro com o pai e irmão de Maria de Fátima, que se lembra da Fazenda Calixto Coelho, localizada num lugarejo vizinho à Comunidade, denominado Usina, onde plantavam milho, feijão, abóbora, pepino, quiabo e outros legumes.

Os moradores da comunidade viviam da agricultura (roçados, lavouras e hortas), praticavam também a caça e a pesca para subsistência. Praticavam essas atividades ali mesmo nas terras que herdaram, cerca de 120 hectares a. Na comunidade existia uma área comum onde todos colocavam seu gado, chamavam de pasto da Chácara, que também era alugado para pessoas de fora.

A renda obtida com aluguel do pasto era usada para pagar impostos das terras.



■ Diagrama de Fluxo, Diagnóstico Rápido Participativo-DRP
no Quilombo dos Coelhos

No que diz respeito às produções e práticas agrícolas atuais, a comunidade realiza, frequentemente, cursos oferecidos pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR). Desenvolve diversas parcerias com a Prefeitura Municipal de Rio Pomba, por meio da Secretaria Municipal de Agricultura, Pecuária e Abastecimento, com Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais e com outras instituições, como a Associação Ecoletivo, que desenvolve projetos na área de agroecologia na região da Zona da Mata Mineira.

No ano de 2022, o município de Rio Pomba concedeu o uso de maquinário e veículos agrícolas, com: trator, plantadeira, entre outros, para os produtores rurais. Por meio desses instrumentos concedidos pela prefeitura, o trabalho no campo ocorre de forma mais dinâmica, rápida e eficaz, propiciando

aos agricultores uma maior possibilidade para o desenvolvimento de outras atividades. Além disso, a prefeitura, em parceria com a Associação dos Remanescentes Quilombolas e Atingidos por Barragem da Comunidade do Coelhos, também concedeu o direito ao uso de uma área comum para o plantio coletivo.

O Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais, campus Rio Pomba, também se configura como um grande parceiro para a comunidade, realizando projetos na área de agricultura e pecuária, como o desenvolvimento de composteiras para potencializar a produção, sobretudo das hortaliças, e projetos como o de abatimento dos frangos de postura. Além disso, são desenvolvidos projetos de extensão do curso de Agroecologia do IFSEMG, que prestam serviço de assistência técnica, desenvolvem mutirões de plantio e colheita, além de projetos de saneamento ambiental alternativo nas casas da comunidade.

O desenvolvimento da produção agrícola é feito tanto particularmente, em que cada família realiza a produção em sua propriedade, seja para consumo próprio ou para a comercialização, quanto comunitariamente. Na produção comunitária, quatro famílias se organizam, desenvolvem as suas atividades e redistribuem os alimentos entre si.

Desde 2013, algumas famílias de Coelhos têm uma parceria com o PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar) em que realizam a comercialização dos alimentos produzidos para as escolas do município de Rio Pomba.

Além da produção agrícola, também desenvolvem atividades pecuárias, com a criação de animais que servem para o consumo próprio, como vacas, galinhas e porcos. Os moradores contam que o plantio do milho possui uma importância significativa para além do consumo humano e comercialização, pois viabiliza a criação de porcos, os quais servem tanto como alimento, como para a utilização da gordura na substituição do óleo de cozinha. Algumas famílias também

realizam a comercialização de seus alimentos na Feira Livre de Rio Pomba, uma feira de produtores rurais da cidade, que ocorre todos os sábados.



■ Time de futebol da Comunidade Quilombola dos Coelhos, 1974.

Ao centro da extensão territorial povoada do quilombo se localiza um campo de futebol. O campinho já foi palco de diversas atividades culturais e esportivas, incluindo festividades, encontros, partidas de futebol, oficinas de arte, práticas de capoeira, entre outras. Antigamente, a comunidade tinha um time de futebol, que disputava campeonatos em outras cidades, e, às vezes, recebiam no quilombo também outros times para participar de partidas. E como os moradores se reuniam frequentemente para treinar a prática futebolística, o período após os treinamentos eram também marcados por atividades festivas, quando se reuniam para estreitar os laços comunitários. O campinho, para os quilombolas dessa comunidade,

se configura como um espaço de produção de sociabilidade e de memória, e detém uma importância histórica e cultural, uma vez que é a partir dos encontros que a comunidade se fortalece dentro das suas afirmações identitárias.



- Reunião para discussão de projeto de melhoria para a comunidade, uma das atividades do Raízes do Futuro.

A comunidade foi declarada de utilidade pública, em 2016, pelo Governo de Minas Gerais, e sua associação, a “Associação dos Remanescentes Quilombolas e Atingidos por Barragem da Comunidade dos Coelho de Rio Pomba (ARQABCCRP)”, foi oficializada através da Lei 22157/2016.

Em agosto de 2024, Coelho recebe a certificação como comunidade quilombola da Fundação Palmares, legitimando sua existência e a identidade. O certificado atuou como um catalisador para a proteção efetiva tanto do patrimônio cultural, quanto do direito ao território tradicionalmente ocupado. ■

CEDEFES 40 anos de História

O Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva - CEDEFES é uma entidade privada, sem fins lucrativos, de âmbito estadual, fundada em 1985 por um grupo de professores, sindicalistas e religiosos. O nome é uma homenagem a Eloy Ferreira da Silva, trabalhador do campo e sindicalista no município de São Francisco, Minas Gerais, assassinado por grileiros em 16 de dezembro de 1984.

O objetivo do CEDEFES é promover a informação e educação popular, documentar, arquivar, assessorar, elaborar projetos, pesquisar e publicar obras de interesse dos povos tradicionais e dos movimentos sociais, fortalecendo as suas lutas, organização, articulação e conquista de direitos.

Suas atividades são mantidas, essencialmente, pelo trabalho voluntário dos sócios e colaboradores e uma parceria consolidada ao longo de vinte e dois anos com a entidade de cooperação internacional alemã Misereor e com o KMB, da Áustria.

A entidade tem o apoio também das Irmãs Sacramentinas de Nossa Senhora, que abrigam a organização há 17 anos, e dos irmãos Maristas e Franciscanos, que ajudam em situações específicas. Além disso, desenvolve projetos relevantes em parceria com Ministério Público de Minas Gerais.

No ano 2000, durante o Seminário “500 Anos de Resistência Negra no Brasil: os Remanescentes de Quilombo e Outras Experiências”, representantes de movimentos negros de Minas Gerais pediram para o CEDEFES atuar junto às comunidades quilombolas do Estado.

Desde então, entre 2003 e 2022, o CEDEFES conduziu sete projetos de apoio às comunidades quilombolas, em várias regiões de Minas Gerais. Seguindo essa caminhada, em 2023, teve início o projeto “Raízes do Futuro”, o oitavo projeto quilombola fruto da parceria CEDEFES / MISEREOR / KMB. Esta coleção de livretos é um dos resultados deste projeto.

